



Comunicação Oral

REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Larissa WayhsTrein MONTIEL (UFGD, Dourados/FUNDECT)¹

Míria Izabel CAMPOS (UFGD, Dourados/FUNDECT)²

RESUMO: A formação inicial de professoras para atuar na Educação Infantil tem sido parte substancial do trabalho que desenvolvemos como docentes em duas universidades no estado de Mato Grosso do Sul, a saber, UFGD e UFMS. À vista disso, o desafio de orientar o Estágio Supervisionado obrigatório na Licenciatura em Pedagogia tem nos aproximado já alguns anos, quando se tornou imprescindível à efetivação de nossas atividades, a construção de um diálogo acerca de saberes e fazeres da/na área. A partir dessa vivência, decidimos compartilhar este artigo que ora apresentamos para o II Seminário Formação Docente. Ele é recorte de uma pesquisa empreendida com professoras da Educação Infantil e acadêmicas em formação inicial no Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus de Naviraí. A investigação teve como objetivo conhecer as práticas pedagógicas desenvolvidas junto às crianças na Educação Infantil, promovendo uma reflexão sobre a formação de professoras e o Estágio Supervisionado. A pesquisa de campo se deu em um Centro Integrado de Educação Infantil (CIEI), quando foram feitas observações das práticas realizadas e coletados dados através de questionários aplicados às professoras e às acadêmicas em formação na universidade. Como conclusão da pesquisa nós assinalamos que o Estágio Supervisionado obrigatório em Educação Infantil pode ser considerado uma prática curricular importante na formação das professoras e que este tem aproximado a prática pedagógica “real” da instituição com a “ideal” estudada nos bancos universitários. Apontamos, também, que o diálogo entre Educação Superior e Educação Infantil possibilita um profícuo campo de pesquisa o qual precisa ser foco mais frequente de investigações, pois as estagiárias demonstram dificuldades em relação à compreensão do processo educativo e receiam atuar como professoras, mesmo ainda em processo de aprendizagem.

¹ larissawtmontiel@hotmail.com. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Grande Dourados.

² miria.iza.campos@gmail.com. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Grande Dourados.



PALAVRAS-CHAVE: Formação inicial. Crianças. Professoras.

Introdução: para começar as reflexões

Na obra intitulada *Educação Infantil: saberes e fazeres na formação de professores*, organizada por Luciana Ostetto, lemos registrado na apresentação que:

Como professora formando professores para a educação infantil, tenho buscado aproximar o universo acadêmico dos espaços educativos constituídos em creches e pré-escolas, para além de estudos e caminhos teóricos, tentando romper com a perspectiva de apenas dissertar sobre esses contextos (OSTETTO, 2012, p. 7).

A partir dessa afirmação da autora, destacamos que a formação inicial de professoras³ para atuar na Educação Infantil tem sido parte substancial do trabalho que desenvolvemos como docentes em duas universidades no estado de Mato Grosso do Sul, a saber, UFGD e UFMS. À vista disso, o desafio de orientar o Estágio Supervisionado obrigatório na Licenciatura em Pedagogia tem nos aproximado já alguns anos, quando se tornou imprescindível à efetivação de nossas atividades, a construção de um diálogo acerca de saberes e fazeres da/na área.

Entendemos que universidade e instituições de Educação Infantil não podem prescindir de um diálogo, o qual pode ser proveitoso, produtivo e incentivador, desde que exista a efetiva participação de ambos os lados, sem a sobreposição de um sobre o outro (BROERING, 2012). E é nesse contexto de discussão/reflexão que inserimos o artigo ora apresentado para o II Seminário Formação Docente. Ele é recorte de uma pesquisa empreendida com professoras da Educação Infantil e acadêmicas em formação inicial no Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus de Naviraí.

³ Em virtude do curso de Pedagogia ser eminentemente feminino, neste artigo a nossa opção foi utilizar “professoras” e “acadêmicas/estagiárias” para nos referirmos, respectivamente, a profissionais e estudantes da área.



O estudo se constitui Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)⁴, orientado por uma das autoras deste artigo, o qual possibilitou utilizar como lócus de pesquisa o campo do estágio. Tal perspectiva está atrelada a práticas realizadas por meio de estudos e pesquisas no/do Grupo de Estudos e Pesquisas em Prática Educativa e Tecnologia Educacional (GEPETE), da linha de Práticas Educativas e Formação Docente.

A investigação teve como objetivo conhecer as práticas pedagógicas desenvolvidas junto às crianças na Educação Infantil, promovendo uma reflexão sobre a formação de professoras e o Estágio Supervisionado. A pesquisa de campo se deu em um Centro Integrado de Educação Infantil (CIEI), quando foram feitas observações das práticas realizadas e coletados dados através de questionários aplicados às professoras e às acadêmicas em formação na universidade. A seguir contamos em duas seções como se efetivou este trabalho e encerramos apresentando algumas considerações.

O Estágio Supervisionado na Educação Infantil: reflexões com a teoria

Alguns autores nos ajudaram a compreender o estágio supervisionado, como Pimenta e Lima (2002; 2004; 2010), Tardiff (2002), entre outros.

Pimenta e Lima (2002, p. 21) entendem por estágio curricular “[...] as atividades que os alunos deverão realizar durante o seu curso de formação, junto ao campo futuro de trabalho [...]”. Assim, o Estágio Supervisionado pode/deve ser considerado como um instrumento fundamental para o processo de formação de futuras professoras, pois este irá auxiliar as acadêmicas a compreenderem e enfrentarem o mundo do trabalho, a partir de uma percepção política e social mais abrangente.

⁴ TCC defendido pela acadêmica Lucineia da Mota Leite intitulado *AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA REFLEXÃO SOBRE O ESTÁGIO* (UFMS/Naviraí, 2015).



Para isso é fundamental a articulação entre a teoria e prática, elemento primordial para uma formação relevante. Espera-se que a acadêmica busque a troca de experiência na instituição em que desenvolve o estágio, aproveitando a oportunidade de produzir e ter um pensamento mais reflexivo perante a prática.

Quanto à pedagoga, ao trabalhar na Educação Infantil, já deveria apresentar uma experiência, pois se pressupõe que esta foi adquirida durante sua formação inicial. Como sabemos o Estágio Supervisionado do Curso de Licenciatura em Pedagogia é obrigatório, pois está previsto no Projeto Pedagógico do Curso (PPC).

Ao assumir uma sala durante a regência a estagiária deverá ter domínios e estratégias de aprendizagem, relacionando a teoria com a prática aprendida durante o curso através do conhecimento pedagógico dos saberes docentes da sua aprendizagem inicial. Isto faz com que as crianças desenvolvam diferentes experiências, favorecendo a formação de cidadãos na sociedade. Tardif (2002) nos mostra o quanto temos que aprender com todas essas situações:

Aprender a profissão docente no decorrer do estágio supõe estar atento às particularidades e às interfaces da realidade escolar em sua contextualização na sociedade. [...] Ao transitar da universidade para a escola e desta para a universidade, os estagiários podem tecer uma rede de relações, conhecimentos e aprendizagens, não com o objetivo de copiar, de criticar apenas os modelos, mas no sentido de compreender a realidade para ultrapassá-la (TARDIF, 2002, p. 295).

As Diretrizes Nacionais para o Curso de Pedagogia, instituídas pela Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006, afirmam no art.7º II- que “[...] 300 horas são dedicadas ao Estágio Supervisionado prioritariamente em Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, contemplando também outras áreas específicas”(BRASIL, 2006).

Sendo assim, percebemos que cada vez mais se torna evidente a necessidade da articulação de conteúdo específicos das disciplinas nos cursos de



formação docente, com incentivo de dar sentido à formação da docência e fazer com que as professoras sejam capazes de interagir com as demais áreas educacionais.

Pimenta e Lima (2004, p.36) destacam a importância do comprometimento para a formação, pois muitas das vezes o estágio “[...] reduz-se a observar os professores em aula e imitar esses modelos, sem proceder a uma análise crítica fundamental teoricamente e legitimada na realidade social em que o ensino se processa”.

Ao expressar suas ideias as autoras revelam que o estágio apenas se reduz em algo técnico, uma vez que a acadêmica observa determinada sala prendendo-se aquela realidade momentânea, limitando-se e aplicando aquele modelo para suas futuras práticas. Diante dessa problemática, as autoras descrevem perspectivas pelas quais o estágio pode ser desenvolvido pela prática como imitação de modelos e como instrumentalização técnica, quando não refletidos. Os estágios não devem refletir um modelo a ser seguido, ou seja, não existe uma fórmula pronta para que seja introduzida, devemos levar em conta o contexto e a realidade de cada instituição e suas demandas, a experiência vivida naquele momento como algo flexível a ser adaptado em várias situações educacionais ao longo da carreira.

O estágio tem de ser teórico-prático, ou seja, que a teoria é indissociável da prática (PIMENTA; LIMA, 2004). Porém, para concebermos essa ideia, precisa-se entender o conceito de *práxis*⁵. O desenvolvimento do estágio como uma atitude investigativa, que envolve a reflexão e a intervenção na vida da escola, dos professores, dos alunos e da sociedade.

A “atitude investigativa” deve ser elemento que sempre deve ser levado em conta. Ela é o estudo de uma reflexão em torno da própria prática, que pode ser tanto pelos estágios realizados ou releitura dos relatórios de estágios elaborados por outros acadêmicos em anos anteriores. Ou seja, ela pode proporcionar mudanças,

⁵ *Práxis* para o viés marxista, com a contribuição de Adolfo S., é a atitude teórica e prática humana de transformação da natureza e da sociedade (MARX.; ENGEL, 1986).



contribuições e enriquecimento às práticas pedagógicas, levando a uma compreensão do estágio e da autoavaliação.

[...] a prática deve ser vista como um processo de aprendizagem por intermédio na qual os professores retraduzem sua formação e adaptam a profissão [...]. A experiência provoca, assim, um efeito de retomada crítica (retroalimentação) dos saberes adquiridos antes ou fora da prática profissional (TARDIFF, 2002, p.53).

O estágio pode ser considerado instrumento de pesquisa e reflexão que orienta a ação docente no sentido de superação da reprodução da ação Pedagógica. Buriolla (2009, p.13) aponta que “[...] o estágio é o lócus onde a identidade profissional do aluno é gerada, construída e referida; volta-se para o desenvolvimento de uma ação vivenciada, reflexiva e crítica e, por isso, deve ser planejado gradativa e sistematicamente”. Dessa forma, podemos compreender que o estágio não se limita ao saber fazer, ou ainda a reproduzir um modelo, mas envolve, sobretudo, o pensar, o pesquisar, o refletir. Para Santos (2010), o estágio como pesquisa torna-se uma realidade cada vez mais necessária. As autoras Pimenta e Lima (2004) corroboram com a ideia do estágio como fonte de tal aproveitamento, salientando a possibilidade do seu desenvolvimento das práticas em si.

[...] atividades que possibilitem o conhecimento, a análise, a reflexão do trabalho docente, das ações docentes, nas instituições, a fim de compreendê-las em sua historicidade, identificar seus resultados, os impasses que apresenta, as dificuldades. Dessa análise crítica, à luz dos saberes disciplinares, é possível apontar as transformações necessárias no trabalho docente, nas instituições (PIMENTA; LIMA, 2004, p. 55).

Portanto, é no estágio que se concilia a prática com a teoria, uma experiência que antecipa a profissionalização. Assim, ela é uma etapa que deve ser cumprida para a formação prevista em currículo prescrito ou não. Fase em que a estudante de graduação permanece em contato direto com o ambiente de trabalho,





desenvolvendo atividades fundamentais que auxiliarão em sua formação. Apesar de duração limitada, é preciso que seja supervisionada, para que todas aprendam com essa experiência.

À vista disso, entendemos que o estágio na Educação Infantil é atividade fundamental e significativa na formação da Pedagoga, por ser capaz de preparar a acadêmica e viabilizar a vivência em um campo amplo de pesquisa. Nessa perspectiva, a instituição infantil se torna primordial para a ligação entre a universidade e a comunidade, pois todos juntos poderão trabalhar na busca constante de metodologias que possibilitarão a qualidade na aprendizagem e consequente desenvolvimento das crianças.

Observações e questionários: reflexões com a empiria

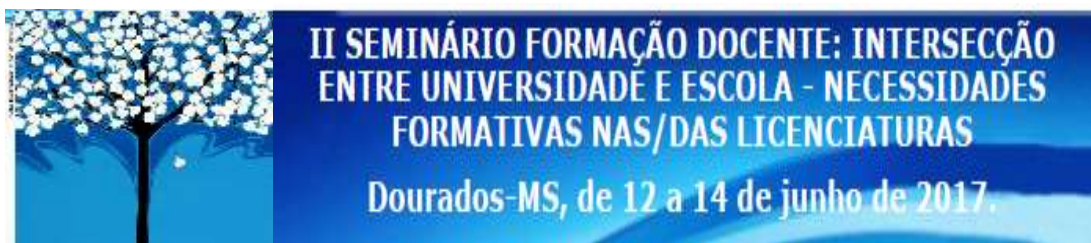
A pesquisa empírica efetivada possibilitou realizarmos uma reflexão das observações feitas em sala durante o período de Estágio Supervisionado em Educação Infantil I, dialogando com as respostas apontadas nos questionários aplicados às professoras supervisoras do estágio e às acadêmicas do curso de Pedagogia.

As leituras dos autores estudiosos no assunto nos permitiram categorizar e elaborar as questões formuladas no questionário. Procuramos investigar o olhar das professoras/supervisoras de estágio, das acadêmicas que realizavam o estágio obrigatório, assim como analisar a prática pedagógica desenvolvida em sala. A pesquisa de campo ocorreu durante os 8 dias de atividades, que é o período constituinte do estágio realizado pelas acadêmicas em sala.

As professoras que responderam ao questionário apresentaram o seguinte perfil na época:

I- QUADRO DE APRESENTAÇÃO DAS PROFESSORAS SUPERVISORAS						
IDENTIFICAÇÃO	IDADE	SEXO	NOME FICTÍCIO	FORMAÇÃO/TEMPO DE ATUAÇÃO	SALA ATUA	ONDE
Professor 1	35 anos	Feminino	Alair	Geografia e Pedagogia, Pós-	Maternal II, 18 crianças.	





				Graduada em Educação Infantil e Séries Iniciais. Mestrado em Educação. 6 anos de atuação.	
Professor 2	48 anos	Feminino	Maria	Pedagogia, Pós-Graduada em Neuro-pedagogia, 1 ano de atuação.	Berçário II, 15 crianças.

Fonte: Organização Leite, 2015.

Quanto às acadêmicas que responderam ao questionário, mostraram o seguinte perfil na época:

II- QUADRO DE APRESENTAÇÃO DAS ACADÊMICAS E ESTAGIÁRIAS				
IDENTIFICAÇÃO	IDADE	SEXO	NOME FICTÍCIO	SALA DA EDUCAÇÃO INFANTIL QUE DESENVOLVEU A REGÊNCIA
Acadêmica/estagiária 1	21 anos	Feminino	Jéssica	Berçário II, 15 crianças.
Acadêmica/estagiária 2	21 anos	Feminino	Jujuba	Maternal II, 18 crianças.

Fonte: Organização Leite, 2015.

A partir do Quadro I podemos observar a formação profissional, especialização e o tempo de atuação no magistério de cada uma das professoras envolvidas. Apenas uma delas atua há mais de um ano. Sendo que, uma inicialmente graduou-se em Geografia, migrando-se posteriormente para a Pedagogia. Já as acadêmicas cursam o 5º semestre de 2015 de Pedagogia da UFMS, sendo que apenas uma delas, a acadêmica Jéssica, trabalha com estágio remunerado em uma instituição do município.

Para ter uma qualidade da Educação Infantil é preciso que a profissional que atua neste campo tenha uma boa formação, constituindo-se um investigador de sua própria prática.

A pesquisa no estágio, como método de formação de futuros professores se traduz, de um lado, na mobilização de pesquisas que permitam a ampliação e análise dos contextos onde os estágios se



realizam; por outro, e em especial, se traduz na possibilidade de os estagiários desenvolverem postura e habilidades de (PIMENTA; LIMA, 2004, p. 46).

A acadêmica por sua vez também é uma pesquisadora da própria realidade, para isso absorve do período de estágio supervisionado e filtra todas as experiências, separando as boas das ruins, para seu aprendizado.

Ostetto (2012, p. 136) destaca que “a profissão docente, por se basear na relação entre pessoas, é permeada pelos afetos, pela simpatia/antipatia que acompanha as relações. Ser profissional da educação significa experimentar sentimentos”. Em vista disso, para entendermos os motivos que impulsionaram as acadêmicas à escolha da profissão, elas foram indagadas sobre qual motivo as levou a escolher o curso de Pedagogia e seguir carreira na educação?

A acadêmica Jujuba respondeu como segue:

Bom, primeiramente desde criança gostaria de ser professora. O que também me cativou foi pela minha madrinha (in memoria), que me incentivou a fazer o curso, pois ela havia terminado o curso. Segundo para poder ensinar e educar aquelas crianças mais carentes e fazer diferença na vida delas.

Já a acadêmica Jéssica se manifestou assim:

Escolhi o curso de Pedagogia porque ao longo da minha adolescência estava próxima de várias crianças e sempre tive facilidade com crianças, portanto escolhi o curso de Pedagogia e adentrar para obter conhecimento pedagógico, obter experiências, no qual me identifico muito com a profissão.

É preciso compreender que esse momento inicial do estágio é muito delicado para todos os envolvidos. Assim, como ressaltou Ostetto (2012), a emoção normalmente está presente e procurar envolver-se sentimentalmente com as crianças quase sempre é o caminho escolhido por muitas. A partir disso, vale



sobrelevamos os vários momentos de afetividade observados entre as estagiárias e as crianças, reforçando a afinidade que as mesmas citaram em suas respostas.

Freire (2009) enfatiza que é preciso responsabilidade e compromisso no processo de aprendizagem, pois são estabelecidos vínculos que muitas vezes se arrastam para toda a vida.

O nosso é um trabalho realizado com gente, miúda, jovem ou adulta, mas gente em permanente processo de busca. [...] Não sendo superior nem inferior a outra prática profissional, a minha, que é a prática docente, exige de mim um alto nível de responsabilidade ética de que a minha própria capacitação científica faz parte. [...] É que lido com gente e não com coisas (FREIRE, 2009, p. 144).

No período de desenvolvimento do estágio, sobretudo na regência na Educação Infantil, e levando em consideração a intenção do que era proposto, verificamos que todas as atividades foram planejadas e desenvolvidas para uma aprendizagem significativa.

Assim a professora Alair avaliou as acadêmicas, ao longo da realização do estágio: “atuou de forma colaboradora e objetiva, sempre mostrou preocupação e se disponibilizou em participar em todas as atividades”. No início da sua resposta, nos dá a impressão que ela reporta-se apenas ao processo de observação e colaboração durante o estágio, não levando em conta o período que a acadêmica se dedicou durante as práticas pedagógicas na regência. Porém, a professora conforme foi respondendo ao questionário deixou evidente que esteve atentamente preocupada em dar assistência e orientar também no processo de regência.

Já a professora Maria esteve atenta tanto ao período de observação quanto ao período das práticas pedagógicas da acadêmica. Ela se manifestou assim: “as alunas procuram sempre seguir as práticas aplicadas na instituição com atividades lúdicas”. Ficou explícito em sua resposta que as acadêmicas que realizaram o estágio em sua sala obtiveram êxito ao seguirem a rotina, conciliando-a com as atividades desenvolvidas juntamente com as crianças.





Foi possível perceber em alguns momentos do cotidiano da instituição que surgem tempos ociosos nos quais as crianças ficam sem qualquer atividade específica. Em grande parte os projetos realizados se prendem a datas comemorativas regidas pela instituição. Assim, as duas estagiárias concordaram plenamente quando foram questionadas sobre se é possível seguir a rotina e desenvolver atividades pedagógicas com as crianças na instituição:

A acadêmica Jujuba aponta que “sim, pois sempre tem tempo/intervalos que dá para aplicar, durante a rotina sem ser prejudicada a rotina deles”. Já Jéssica respondeu:

Na minha visão é claramente possível seguir a rotina da instituição com as atividades, o professor elaborar um planejamento bom, a oportunidade de aplicar as atividades e cumprir as rotinas estabelecidas pela instituição são observadas pelos longos períodos da mesma atividade, ex.: assistir DVD, a mesma atividade todos os dias. A oportunidade de diferenciar é substituir atividades com as crianças.

Percebemos no momento da observação em sala que a professora orientadora da disciplina de estágio obrigatório propõe às acadêmicas o planejamento de até 5 atividades por dia na prática de regência com as crianças, pois o tempo dedicado para realizar as atividades pode variar levando em conta o interesse das crianças e a rotina. Uma vez realizada a atividade, muitas crianças se dispersam perdendo o interesse. Por conseguinte, é preciso que a professora sempre tenha uma “carta na manga” para que este tempo seja preenchido de forma aproveitável e prazerosa para as crianças.

Perguntamos às acadêmicas se notaram diferenças entre suas práticas e as da professora. Jéssica se manifestou registrando assim: “observei que diversos momentos durante o período de observação as crianças passavam grande tempo ocioso e sem atitude do professor”. Em relação à experiência da Jujuba, esta apontou que “[...] pela forma de conversar com as crianças, os tipos de brincadeiras,



fazer dormir na hora do soninho. Atividades para desenvolver com eles sem sair da rotina”.

Para as acadêmicas evidenciou-se, a partir de suas observações, que as professoras regentes poderiam fazer algo a mais com as crianças. Esta análise demonstra que os estágios contribuem para que se construa uma atenção maior à perspectiva das crianças, vislumbrando que elas precisam de uma variedade de atividades, que nem sempre as professoras realizam no cotidiano. Interessante marcar que muitas vezes, depois de encerrado o estágio, as professoras da instituição, gostando das práticas levadas pelas acadêmicas, continuam desenvolvendo tais atividades em outras ocasiões, demonstrando a importância da relação entre universidade e creches/pré-escolas.

Foi possível perceber, na resposta da professora Alair, seu entendimento acerca da relação entre o que é aprendido pelas estagiárias na universidade e a relação com a experiência do estágio. “Sim, durante a aplicação de todas as atividades foi possível perceber a preocupação da referida estagiária para que as atividades fossem aplicadas e exercidas com fundamentações teóricas”. E a professora Maria complementou tal visão se manifestando assim: “é o que mais chama atenção, a preocupação em passar para os alunos a teoria e pode-se notar o esforço para fazer a relação; e o positivo é que ela sempre consegue de alguma forma atividade que tem relação com a teoria”.

A acadêmica Jujuba destacou que os conteúdos em específico da disciplina de estágio a ajudaram muito em sua atuação nesse período. Ela comentou que “[...] principalmente ao fazer o planejamento, como devemos planejar com as Diretrizes Curriculares da Educação Infantil, todas as aulas ajudaram de alguma forma”.

Relacionando a resposta da Jujuba com as atuações observadas no momento do desenvolvimento do seu projeto de regência na turma de maternal II, projeto denominado *Explorando o mundo animal*, ficou explícito na atividade de apresentação dos animais no primeiro dia de regência sua intenção em proporcionar



a interação com os animais, permitindo que as crianças manuseassem o material e conhecesse melhor suas características.

Quanto à Jéssica, ela instituiu a prática de se abaixar para conversar com as crianças, ficando assim na altura delas para que um vínculo de comunicação se estabelecesse juntamente com a expressão corporal. Esta orientação foi repassada de forma contundente em aula na universidade, pelas professoras de estágio, por se constituírem em práticas importantes que o educador deve utilizar cotidianamente com as crianças. Infelizmente, verificamos que nem sempre no dia a dia tal ação acontecia na prática das professoras da instituição. Percebemos, portanto, que o processo de estágio é um momento único, no qual se pode criar, inovar e construir de forma compartilhada, intensificando os saberes cotidianos e científicos de aprendizagem.

Na perspectiva da professora Alair, as práticas inovadoras possibilitam novas experiências às crianças. Ela respondeu dessa maneira ao questionário: “sim, acredito ser de extrema importância, pois se faz uma troca de experiência e as crianças sempre se deslumbram com o novo”. Corroborando com ela, a professora Maria afirmou: “sim, o contato com os professores (aqui a professora faz referência às estagiárias como futuras professoras) e as crianças oferece subsídios para uma reflexão aprofundada usando o aprimoramento da prática pedagógica aplicada em sala de aula, conforme garante a LDB[...]”.

Não obstante, como em qualquer processo de formação e qualificação, dificuldades surgem. Às vezes o planejado não sai como se esperava e tal situação pode causar frustrações para os envolvidos. Um exemplo percebido em nossa investigação aconteceu quando as acadêmicas, mesmo sabendo o que deveriam fazer o nervosismo e a falta de experiência falaram mais alto, acabando por atrapalhar algumas ações nos primeiros dias de regência. Também precisamos evidenciar o fato de as acadêmicas estarem sendo avaliadas por uma professora



mais experiente e, por conseguinte, tal vivência ter se constituído em uma instabilidade emocional perfeitamente entendível em contextos de formação inicial.

A partir dessa discussão, perguntamos às acadêmicas sobre as dificuldades surgidas no processo de estágio e se isso as ajudaria em seu processo de formação.

Jéssica comentou a respeito dizendo que “sim, com isso criamos métodos e diferentes práticas para auxiliarmos o processo de formação”. E Jujuba respondeu que “sim, tanto o positivo como o negativo. O positivo faz pensar que conseguir realizar o trabalho. O negativo para minha formação é como nova aprendizagem, faz pensar e ver que podemos melhorar com essas falhas. Como futuro educador as dificuldades são como barreiras que devemos sempre superar”.

Imprescindível apontarmos que não será apenas no estágio que as acadêmicas se definirão como boas professoras. Será preciso toda a experiência durante o curso e vivências de trabalho e de vida para que a competência seja reconhecida. Perrenoud (1999) define competência como sendo uma capacidade de agir eficazmente em um determinado tipo de situação, apoiada em conhecimentos, mas sem limitar-se a eles, mas é o processo inicial da trajetória de uma carreira bem-sucedida.

Para Jujuba essas “dificuldades servirão como aprendizado”, que por sua vez as estagiárias tendem a melhorar com o tempo. E continuando sua resposta ela analisa: “o que deu certo naquela ocasião e o que saiu de errado para poder em uma futura sala não acontecer mais e que esta experiência venha favorecer novas descobertas e um novo aprendizado”.

Quando as professoras foram questionadas sobre as dificuldades ocorridas no estágio na relação professora, estagiária e crianças, apenas uma das professoras apontou uma dificuldade. Sobre tais circunstâncias nós sabemos, e já dedicamos uma reflexão a estas ocorrências anteriormente, pois por mais planejado que seja a regência, muitas das vezes acontecem imprevistos. Nessa direção, a professora



Alair declarou que: “digo que a única dificuldade que posso expressar seria apenas na adaptação, na construção da amizade entre estagiário-professor e as crianças, mas referenciando a um bom profissional, tudo se encaixa de forma rápida e prazerosa, pois ambos serão alegres e participativos em todas as atividades”.

No processo de aprendizagem é permitido às acadêmicas errarem, não por não saberem, mas por outros fatores que ocorrem como inexperiência, falta de estrutura da instituição, condições de trabalhos. Daí ser importante citar Pimenta e Lima (2010, p. 63), para quem:

Os estudos sobre profissão docente, qualificação, carreira profissional, possibilidades de emprego, aliados a ética profissional, competência e compromisso, deverão integrar o campo de conhecimentos trabalhados no estágio por meio de procedimentos de pesquisa, que tenha o objetivo a construção da identidade docente.

Sendo assim, por mais difícil que seja a convivência com as frustrações pelos erros, a avaliação das professoras é de extrema importância, pois delas pode-se apreender o quanto aprimorar na longa caminhada da formação/transformação.

Para finalizar, perguntamos para as professoras o que elas julgavam importante de ser trabalhado durante as aulas de Estágio Supervisionado no Curso de Pedagogia, objetivando um maior aproveitamento na prática de regência das acadêmicas. A professora Alair externou a seguinte resposta:

Acredito que as práticas existentes são fundamentadas em teorias excelentes que norteiam em reais necessidades que em muito ajudaria nossas crianças, mas muitas vezes por falta de tempo ou por falta de experiência acabam sendo deixadas para trás. Seria muito importante selecionar algumas destas práticas e de forma ativa e lúdica deveriam ser aplicadas com dedicação com novas atividades para nossas crianças.

A professora se refere a todo o conteúdo do curso de Pedagogia e não apenas à disciplina de estágio, afirmando que a bagagem que a acadêmica traz para a instituição, mais a experiência teórica e a vivência das colegas de curso e das



professoras da universidade são primordiais para enriquecer cada vez mais suas experiências no estágio, aprimorando a formação como educadora e contribuindo para o desenvolvimento da criança.

Já a professora Maria declarou que “os cursos deveriam deixar de lado ‘como as escolas deveriam ser’ e trazer para a discussão ‘como a escola é’ e o que pode ser feito para que a mudança ocorra”. Na visão da professora as instituições não são uniformes, cada uma apresenta suas especificidades. Dessa forma, quando a acadêmica passa a ter contato nas observações e se depara as diferentes realidades, quase sempre acontece um choque com o real.

Para Pimenta e Lima (2010) é fundamental sentir de perto a estrutura, a organização e o funcionamento da unidade escola. É importante a observação dos hábitos, cultura e rotina. “Para fazer o diagnóstico, precisamos ir além da estatística e dos dados numéricos. Necessitamos verificar a escola viva, funcionando. É o movimento acontecendo na entrada dos alunos, no pátio, na sala de aula, na hora do recreio, na saída” (PIMENTA; LIMA, 2010, p. 224).

Nesse sentido apreendemos que, para efetuar uma regência de qualidade é necessário, antes de qualquer coisa, levar em conta o que realmente acontece em cada instituição, colocando as crianças como protagonistas daquele espaço. Assim o estágio deve ser pensado e executado, para se tornar momentos de experiências significativas, de superação de obstáculos e conquistas, que com certeza contribuirão para a construção da identidade docente das futuras profissionais da Educação Infantil.

Considerações: para finalizar as reflexões

Importa assinalarmos em nossas reflexões finais, que a construção deste artigo foi de extrema importância para nossas trajetórias como docentes e pesquisadoras da/na área da formação inicial de professoras.



Rever, repensar e reescrever a pesquisa original nos levou a entrever o Estágio Supervisionado obrigatório em Educação Infantil como uma prática curricular importante na formação de professoras, pois este tem aproximado a prática pedagógica “real” da instituição com a “ideal” estudada nos bancos universitários.

Nessa direção, apontamos para a importância do diálogo construído entre Educação Superior e Educação Infantil, pois a instituição infantil que se abre como “campo de estágio” pode possibilitar um profícuo “campo de pesquisa”. Portanto, compreendemos que este espaço precisa ser foco mais frequente de investigações, pois as estagiárias demonstram dificuldades em relação à compreensão do processo educativo e receiam atuar como professoras, mesmo ainda em processo de aprendizagem.

E fechando, registramos nossa percepção de que no processo de Estágio Supervisionado na Educação Infantil é possível vivenciar experiências, emoções e aprendizados que, provavelmente, o espaço universitário jamais proporcionaria. Ou seja, a formação inicial pode ser suplantada com um universo rico e pleno de sentidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação-Conselho pleno-**Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006**. Disponível em:

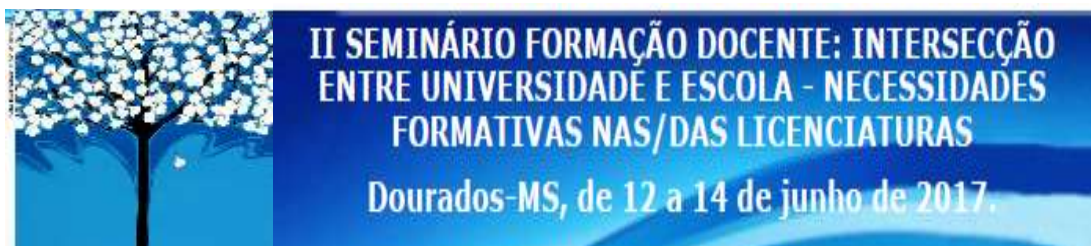
<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf> Acesso em: 19 jun. 2015.

BRASIL. **Lei nº 11.502, de julho de 2007**. Modifica as competências e a estrutura organizacional da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Lei/L11502.htm. Acesso em: 01 fev.2016.

BRASIL: **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 1996. Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf> >. Acesso em: 19 jun. 2015.

BURIOLLA, M. A. F. **O estágio supervisionado**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2009.





BROERING, A. S. Quando a creche e a universidade se encontram: histórias de estágio. OSTETTO, L. E. (Org.). **Educação infantil: saberes e fazeres da formação de professores**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2012.p. 107-126.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

MARX, K.; ENGEL S. F. **A ideologia alemã**. 5.ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

OSTETTO, L. E. (Org.). **Educação infantil: saberes e fazeres da formação de professores**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2012.

OSTETTO, L. E. O estágio curricular no processo de tornar-se professor. In: OSTETTO, L. E. (Org.). **Educação infantil: saberes e fazeres da formação de professores**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2012.p.127-144.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e Docência**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. Reflexividade e formação de professores: outra oscilação do pensamento pedagógico brasileiro? In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (Org.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítico de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2002.

PERRENOUD, P. **Construir as Competências desde a Escola**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SANTOS, L. B. **Estágio supervisionado de educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental do curso de pedagogia – licenciatura: um estudo de caso**. 2010. 215f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2010.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.